

## Descoberta Do Inefável

Lêdo Ivo

Enviado por:

Publicado em : 16/04/2015 22:03:13

A Lêda

Sem o sublime, que é o poeta? Sem o inefável,  
como pode louvar, não traindo a si mesmo,  
a plena e estranha juventude da moça a quem ama?  
Que é o poeta, que imita as marés,  
sem adquirir com o tempo uma serenidade de coisa sempre nua  
como se as estrelas estivessem caminhando governadas  
pelo seu riso  
e seus braços agitassem as árvores feridas pelo clarão da lua?

Sem que seu canto suba até os céus, sufocante música da terra,  
que é o poeta?  
Libertado estou quando canto. E quero  
que minha respiração oriente a vontade das nuvens  
e meu pensamento de amor se misture ao horizonte.  
Cantando, quero outubro, gosto de lágrima, salsugem,  
no instante anterior ao despertar, folha voando.

Sem o inefável, que dura sempre, sem permanecer,  
como conseguirei louvar essa moça a quem amo  
e que nasce em minha lembrança plena como a noite  
e triunfante como uma rosa que durasse eternamente  
e não se limitasse à glória de um dia?  
Sem o inefável, que valoriza as mãos e faz o Amor voar,  
não poderei descer de repente  
ao inferno de seu corpo nu.

O sobrenatural ainda existe. E não seremos nós  
que alteraremos a indizível ordem das coisas  
com as nossas mãos que poderão ficar imóveis  
em pleno amor, diante do corpo amado.

É inútil pensar que os anjos morreram  
ou se despaisaram, buscando outros lugares.  
Eles ainda estão, unidade admirável do Dia e da Noite,  
entre as nuvens e as casas em que moramos.

Repentinamente, as vozes da infância nos chamam para a feérica viagem  
e lembram que podemos fugir para o longe guardado ainda  
no sempre.

Então, nossas necessidades não se reduzem apenas a comer,  
dormir e amar.

Temos necessidade de anjos, para ser homens.

Temos necessidade de anjos, para ser poetas.

Vem, incontável música, e anuncia  
(ao poeta e ao homem, humilde unidade)  
a ressurreição diária dos anjos.

Restaura em mim a certeza de que a folha voando é seu indomável divertimento  
pois às vezes sinto que meu primeiro verso foi murmurado talvez  
sem que eu soubesse, por um anjo  
perturbado com o meu ar desesperado de papel em branco.

Não é a manhã, depositando a semente de alegria no coração  
dos homens.

Não é a vida, cântico triunfal descendo sobre as almas.

Não é o poeta, subindo pelos andaimes de carne da lembrança  
de uma mulher.

São os anjos, que vieram ligar-nos mais uma vez  
à ordem eterna e, à anunciação.

Não nos libertaremos jamais desses anjos  
feitos de terra e mar, celestes criaturas  
que deixam cair em nós o sol da harmonia.

É inútil matar os anjos.

Eles são invisíveis e traiçoeiros.

De repente, quando nos sentimos seguros, já não somos  
os consumidores de instantes, e estamos  
entre o Dia e a Noite, no umbral  
de uma eternidade vigiada pelos anjos.